

UM NÓ INFINITO

*Julia Petiz Porto*¹

Costurar é um entre dos afazeres domésticos no movimento contínuo de manutenção da casa e que aprendi com minha família. Trago essa ação para o meu fazer artístico explorando seu gesto, tão cotidiano, que troca botões, faz bainhas, costura almofadas, pendura plantas na parede.

Costurar é um trabalho lento, de paciência, não de inspiração. Tramar linhas com linha implica se enrolar, embolar tudo, e com calma desenrolar.

Na videoarte nós, somos quatro corpos acobertados por uma roupa de nylon, como uma segunda pele. Nos costuramos uns aos outros através dessa fina camada como uma coreografia de mãos. Cada vez mais entrelaçados, começamos a nos mover como um outro corpo, articulado pelo contato. Incorporamos esses outros tramando-os em nós.

Respirando num só fluxo, esse corpo estranho é atravessado por finas linhas vermelhas, como uma artéria compartilhada por organismos simbióticos. Essa outra maneira de se perceber e perceber um outro desarticula nossos hábitos corporais. O nylon, translúcido, deixa expostos nossos corpos, vulneráveis. Redescobrimos músculos enferrujados, o nosso corpo estranho a nós.

A lente enquadra as mãos, que trabalham como aranhas, nos envolvendo em sua teia vermelha como tecidos de um mesmo órgão ou as estrelas de uma constelação. O gesto meditativo de costurar propõe-se um contraponto às repetições mecânicas da rotina.



¹ Graduanda em Artes Visuais - Bacharelado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Desde 2016 atua como mediadora junto ao grupo Patafísica PREC/UFPel. Foi bolsista de extensão pelo projeto em 2018. Universidade Federal de Pelotas – UFPel. juliaporto@gmail.com



